

O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DA ESCOLA PÚBLICA: REFLEXÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

Ana Sabrina de Sales¹; Sandra Maria Araújo Dias; Joseane de Souza Oliveira

Universidade Federal Rural do Semi-Árido; anasabrinadesales@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba; sandra@ccae.ufpb.br; Universidade Federal Rural do Semi-Árido; joseane.souza@outlook.com

Resumo: A gramática é um dos componentes da língua que assume um espaço significativo quando se trata do ensino de língua estrangeira, mais especificamente nas aulas de inglês nas escolas públicas brasileiras. No entanto, ela não deve ser ensinada de forma descontextualizada, uma vez que há sempre um contexto alinhado ao seu ensino, o que torna o ensino mais prazeroso e significativo. Dessa forma, considerando seu papel no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), o presente estudo justifica-se pela necessidade de se trabalhar a gramática de uma forma contextualizada (ANTUNES, 2015), cujo foco principal é utilizar a língua como forma de comunicação, baseando-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas (LARSEN-FREEMAN, 2003) e alinhando-se a concepção de língua como prática social, defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998). Desse modo, a presente pesquisa pretende investigar o ensino de gramática de aulas de língua inglesa em duas turmas do ensino fundamental II, por meio de observações de aulas, de uma escola pública no interior do Rio Grande do Norte. As observações foram registradas semanalmente em um diário de aulas, durante três meses, por uma aluna do curso de Letras/Inglês. Os resultados deste estudo indicam, portanto, que a forma como a gramática é trabalhada ainda está pautada em métodos tradicionais de ensino de LE. Mesmo a gramática sendo, de toda forma, contextualizada, pois há sempre uma função comunicativa e um contexto por trás de seu ensino, notamos, nas aulas de inglês, documentadas no diário, que o professor trabalha a gramática de forma prescritiva (ANTUNES, 2015), pois o ensino de gramática não apresenta momentos que levem em consideração o contexto e que favoreçam ao aluno o desenvolvimento da competência comunicativa em língua inglesa.

Palavras-chave: Ensino, inglês, gramática.

Introdução

O ensino de uma língua estrangeira (doravante, LE) exige que o professor dedique tempo de suas aulas aos diversos componentes que constituem essa língua. É necessário que o professor empregue tempo ao ensino de gramática, vocabulário, além de outros elementos fundamentais a aprendizagem de uma LE. Nos dias atuais, percebemos nas salas de aula de inglês, que um dos elementos que ganha destaque nas aulas é a gramática. No entanto, nota-se que ela não é trabalhada de uma forma comunicativa, isto é, o ensino de gramática nas aulas de LE, em sua maioria, é ainda, de certa forma, pautado nos métodos tradicionais de ensino de línguas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996) que orientam o ensino de LE para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, o que se percebe na

¹ Bolsista do Programa de Iniciação Científica, na modalidade PICI, da UFERSA-Campus Caraúbas

atualidade é que atividades gramaticais são geralmente descontextualizadas baseadas em cópias, traduções e repetição. Além disso, são atividades simplificadas e não oferecem ao aluno a oportunidade de utilizar a gramática com fins comunicativos, mas apenas com a finalidade de reconhecer as estruturas da língua.

Para verificar como este ensino ocorre, a presente pesquisa objetiva investigar o ensino de gramática nas aulas de língua inglesa a partir da observação em duas salas de aula do ensino fundamental em uma escola pública localizada no interior do Rio Grande do Norte. Dessa forma, nosso estudo justifica-se pela necessidade de se trabalhar a gramática nas salas de aula de língua inglesa de uma maneira comunicativa, levando em consideração as relações sociais e conhecimento de mundo do aluno. Sendo assim, o ensino não seria apenas reconhecer as normas da língua em atividades que não se relacionem com o contexto em que os aprendizes estão inseridos, mas as atividades e estruturas gramaticais da língua inglesa seriam trabalhadas, desenvolvidas e aplicadas com o propósito de desenvolver a comunicação.

Definição de gramática

É importante saber que o termo gramática possui variadas definições a depender do autor e do que ele entende e a qual o tipo de gramática que ele está se referindo. Para Miotto *et al.* (2007, p.16) “o termo gramática nos leva a pensar em um livro grosso e pouco confiável, cheio de regras que jamais conseguimos decorar e que, na melhor das hipóteses, tem uma conexão distante com a língua que falamos”. Visto dessa forma, entendemos a gramática como as regras que são utilizadas na língua com o intuito de mostrar o que é correto e o que é errado como se existisse apenas uma única maneira correta de falar e como se isso fosse, de certa forma, inalcançável.

No entanto, muitas outras definições de gramáticas nos são apresentadas. Antunes (2015), em seu livro *Muito além da gramática* nos faz refletir que a gramática é uma área de muitos conflitos, pois são muitas as acepções que existem acerca do termo. Segundo a autora, ela pode ser um conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua, como também as normas que regulam o uso da norma culta. A gramática também pode ser considerada uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem, uma disciplina de estudo e um compêndio descritivo-normativo sobre a língua. Sendo assim, percebemos que a gramática não é um termo com um único conceito fechado, mas pode moldar-se a depender do que se pretende utilizar e entender sobre ela.

Portanto, alinhando-nos a Antunes (2015), a definição que utilizaremos de gramática neste estudo, é que a mesma “[...] é um dos componentes de que se constitui uma língua. *Um dos componentes*, bem entendido. Não é o único nem o mais importante” (*op. cit.*, p.24). Dessa forma, como a língua é constituída de vários componentes, a gramática, por fazer parte da língua, é um desses elementos que deve ter seu espaço nas aulas, mas que não deve ser o foco principal, pois outros constituintes também devem ser enfatizados. No entanto, no que se refere ao ensino de língua inglesa, vale ressaltar que a predominância é ainda do ensino de gramática de uma forma prescritiva.

Gramática prescritiva/normativa

A gramática teve e ainda tem um papel muito importante quando se trata do ensino de línguas. Uma das definições de gramática mais consideradas nos dias atuais é a de gramática prescritiva/normativa. Nesse caso, segundo Antunes (2015, p. 30), a gramática é particularizada, ou seja, não abarca toda a realidade da língua, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da “língua socialmente prestigiada”. Nesse sentido, a gramática “[...]enquadra-se, portanto, no domínio do *normativo*, o qual define o certo, o como deve ser a língua; e, em oposição, aponta “*o errado, o como não deve ser dito*”. (*op.cit.*, p. 30). Assim sendo, percebemos que, de acordo com essa perspectiva de gramática, a mesma evidencia somente aquilo que é considerado padrão na língua, enfatizando apenas o conjunto de regras que são consideradas “corretas”.

No entanto, vale ressaltar que para formar falantes comunicativamente competentes, o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira não deve focar apenas nessa concepção de gramática, pois ela, por si só, não é suficiente. Desta maneira, o que queremos na seção subsequente é apresentar uma outra concepção de gramática, que pode ser adotada nas aulas de língua (inglesa), cujo foco é o ensino de gramática com base em uma abordagem comunicativa.

A abordagem comunicativa e o Ensino de gramática

Foram vários os métodos e abordagens desenvolvidos durante os anos para se ensinar inglês sempre buscando adequar-se às realidades de cada situação. Dentre eles, destaca-se a abordagem comunicativa, onde o ensino de línguas não deve ser visto como algo fora do contexto. Segundo Larsen-Freeman (2004), “o objetivo é permitir o aprendiz comunicar-se na

língua alvo” (2004, p. 128, tradução nossa²). Além disso, a autora destaca que “sempre que possível deve ser introduzida na sala de aula a ‘língua autêntica’, isto é, a língua usada em um contexto real (LARSEN-FREEMAN, 2003, p.125, tradução nossa³). Sendo assim, entendemos que o ensino da língua deve ser feito de modo contextualizado e que envolva o falante em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Partindo dessa perspectiva de ensino comunicativo de línguas estrangeiras, percebemos, em consonância com Oliveira (2014, p.151) que

as estruturas gramaticais passam a ser vistas como meios de o usuário da língua atingir seus objetivos discursivos. Isso significa dizer que o professor não ensina gramática apenas para ensinar gramática, mas sim para ajudar o estudante a desenvolver sua competência comunicativa, sua capacidade de realizar funções linguísticas como, por exemplo, convencer, informar, ameaçar e convidar. A gramática é um meio importante, mas apenas um meio, para atingir os fins comunicativos.

Dessa maneira, entendemos que a gramática também deve ser vista em sala de aula de uma forma mais indutiva, levando em consideração o que o aluno sabe e onde ele está inserido, e acima de tudo deve “[...] contribuir positivamente para os propósitos comunicativos”. (BROWN, 2007, p.373, tradução nossa⁴). Destarte, compreendemos que os conteúdos gramaticais precisam ser trabalhados, de acordo com a abordagem comunicativa, de forma separada do seu ambiente de uso, mas de maneira contextualizada.

O ensino de gramática (contextualizada)

O ensino de gramática nas aulas de língua inglesa tem se pautado no reconhecimento de estruturas e regras da língua. Todavia, a escola deveria tentar repassar os conteúdos gramaticais proporcionando ao aluno condições de adquirir competências para usá-los nas mais variadas situações comunicativas de uso da língua de acordo com o seu interesse e nível de conhecimento.

Essa proposta de ensino de gramática tem base, segundo Antunes (2015), na concepção de linguagem como interação e é denominada de gramática contextualizada, ou seja, a “gramática a serviço dos sentidos e das intenções que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer” (*op.cit.*, p. 47). Dessa forma, a gramática não é

² No original: The goal is to enable students to communicate in the target language.

³ No original: Whenever possible, 'authentic language'-language as it is used in a real context-should be introduced.

⁴ No original: contribute positively to communicate goals.

apenas um aglomerado de regras, mas de acordo com a concepção interacionista, ela deve ser aprendida de maneira contextualizada e deve, o processo de ensino-aprendizagem, ser realizado de forma interativa, envolvendo o uso real da língua em determinado contexto social. Baseadas também na abordagem comunicativa, em que “ a língua é vista como uma atividade destinada à realização das interações sociais” (SILVEIRA, 1999 p.75), as atividades envolvendo a gramática na escola, deveriam, desse modo, ter um propósito comunicativo definido.

A autora ainda ressalta que “*a gramática*, enquanto elemento constitutivo das línguas, é sempre *contextualizada*, uma vez que nada do que dizemos - oralmente ou por escrito - acontece em abstrato, fora de uma situação concreta de interação” (ANTUNES, 2015, p. 39, grifo da autora). Portanto, compreendemos que como a língua é sempre contextualizada, a gramática, que é um dos componentes da língua não deve ser trabalhada de forma isolada de uma situação comunicativa (contextualizada).

Muitas vezes, as aulas de gramática na escola se restringem ao uso de regras gramaticais já definidas e que ocorrem poucas mudanças com o passar do tempo. Dessa forma, é muito mais fácil professores utilizarem dessa maneira mais tradicional do que tentarem buscar outras formas de se trabalhar os conteúdos gramaticais em sala de aula. É menos complicado e mais acessível trabalhar com frases soltas do que dentro de um determinado texto, por exemplo. Apesar disso ser recorrente, “a gramática contextualizada não é, como pensam alguns, uma forma de corrigir o modelo tradicional de ensino de gramática, um modelo que explorava a língua abstraída de suas complexas condições de uso.” (*op.cit.*, p.44). Ou seja, a gramática contextualizada não foi criada com o objetivo de substituir as demais concepções, mas, segundo Antunes (2015), é uma forma de se promover uma

aprendizagem libertadora, que leva os alunos a crescerem em sua autoestima, em sua autonomia comunicativa; que leva os alunos a acreditarem em suas potencialidades como “seres comunicativamente competentes”, capazes de se moverem, com pleno êxito, no mundo da interação sociocomunicativa. (p.151, grifo da autora)

Nesse sentido, ensinar gramática de forma comunicativa em sala de aula implica estar totalmente relacionado ao fato de fazer uma ligação entre o que acontece no contexto social em que o aluno está inserido e esse ensino. Desse modo, entendemos que o ensino dos conteúdos gramaticais deve ir além do uso das regras e normas, com ênfase nos aspectos puramente linguísticos. Todavia é importante ressaltar que a

gramática é apenas um dos elementos constituintes da língua e não, necessariamente, precisa ser o mais enfatizado nas salas de aulas de ensino de línguas.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é um recorte de um plano de trabalho de iniciação científica voltado para a investigação do ensino de língua inglesa no ensino fundamental da rede pública. Este estudo foi realizado a partir da observação em duas salas de aula de língua inglesa nos 6º e 7º anos do ensino fundamental no período de Agosto a Novembro de 2016. As turmas pertenciam a uma escola da rede estadual de ensino no interior do Rio Grande do Norte. As observações foram registradas em um *blog reflexivo online* por uma estudante do curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa vinculada à uma universidade pública também localizada no interior do estado do Rio Grande do Norte.

O ensino da gramática nas aulas de Língua Inglesa

Nesta seção, analisaremos a forma como a gramática é trabalhada em duas salas de aula de Língua Inglesa do ensino fundamental. Os dados foram gerados a partir da observação da prática docente do professor de língua inglesa da escola em duas turmas e registradas por uma estudante do curso de Letras/Inglês em seu *blog reflexivo*. Em razão da extensão deste artigo, restringimos a análise a três postagens, sendo elas referentes aos meses de Setembro e Novembro.

Trecho 01: Aula do dia 19 de Setembro de 2016

Mais um dia...

Mais um dia de observação nas turmas do 6º e 7º anos. Na primeira turma, o professor iniciou a aula entregando os testes para os alunos que haviam perdido na semana anterior e logo depois copiou um conteúdo gramatical no quadro (Imperativo) utilizando-se de um livro de gramática que não é o adotado na escola. Percebi que alguns alunos se mostram mais interessados, outros nem ligam de copiar no caderno. Após fazer uma explicação bem rápida do conteúdo que estava escrito no quadro (utilizou apenas exemplos que já estavam no livro) de forma expositiva, o professor copia um exercício, responde e finaliza a aula. Tendo toda a aula conduzida em língua portuguesa, o maior contato que os alunos possuem com o inglês é no momento da explicação dos conteúdos gramaticais em que são necessárias leituras na língua em que o professor ler e traduz simultaneamente.

Já a turma do 7º, um pouco mais comportada, se mostram bem mais participativos. O professor iniciou a aula fazendo junto com eles uma atividade do livro e explicando alguma frases

novamente o presente simples. A aula foi bem produtiva. Os alunos conseguiram assimilar os conteúdos e participaram bastante, mesmo não conseguindo falar na língua Inglesa. Isso ajuda não só ao professor, mas também no desenvolvimento e andamento da aula como um todo. Nas duas turmas, eu percebo que os alunos não gostam muito de responder atividades do livro, seria interessante, realizá-las de uma maneira diferente.

Antes de mais nada, vale ressaltar que a gramática possui um grande espaço nas aulas do 6º e do 7º ano. No entanto, o que se pode perceber é que ainda se preza muito pelo ensino da gramática prescritiva, ou seja, as normas que regem a língua. Na turma do 6º ano, o professor transcreveu um conteúdo de um livro de gramática para o quadro para os alunos copiarem no caderno. Após isso, ele explicou as frases que estavam no quadro e realizou uma atividade baseada nisso. No entanto, não há evidências de que essa aula de gramática tenha sido baseada em uma abordagem comunicativa, mas em uma abordagem mais estrutural que foca na forma da língua. Na outra turma, o 7º ano, houve participação dos alunos na aula de gramática, eles conseguiram entender o conteúdo, mesmo não mostrando interesse em atividades do livro didático e não conseguindo utilizar a língua alvo efetivamente. Todavia, percebemos que apenas a análise de frases no passado simples foram utilizadas. Essas frases encontram-se fora de contexto e fazem pouco ou nenhum sentido para o aluno aprendê-las, visto que a probabilidade de utilizá-las em um ambiente real fora da sala de aula é pequena. Isso demonstra que o ensino de gramática nessa aula não se alinha a proposta de trabalho de gramática contextualizada, uma vez que, “uma frase é apenas uma hipótese de uso ou, melhor dizendo, é apenas de uma hipótese de uso” (ANTUNES, 2015, p. 86).

Trecho 02: Aula do dia 26 de Setembro de 2016

É hora do teste!!

Nas aulas de hoje foram realizados os testes nas duas turmas. No 6º ano foram realizados dois testes, sendo um consultado (sobre os animais) e o outro (sobre o plural) não. Foi nessa turma que eu ouvi alguns alunos reclamarem porque as perguntas do teste eram em inglês, isso pois eles não conseguem compreender ainda. Após entregarem o teste não deu mais tempo fazer nada.

Na turma do 7º a aula iniciou com a realização de uma atividade do livro didático, em que o professor explicou novamente o presente simples e tirou dúvidas dos alunos em relação a forma negativa (uso do doesn't e don't), assim também como a forma afirmativa e interrogativa apenas utilizando o quadro. Utilizando a atividade do livro, ele também explicou os advérbios de frequência também em uma aula expositiva e tradução. O segundo momento da aula foi dedicado a realização do teste e logo após os alunos foram liberados.

Percebemos, no trecho 02, que o ensino de gramática pauta-se em aulas expositivas, tanto na turma do 6º como na do 7º ano, o que aponta para a aplicação do mesmo método de ensino de gramática nas duas turmas. Notamos ainda que essas aulas (expositivas) ocorrem com o auxílio e predominância de determinadas ferramentas de ensino: o quadro e o livro didático. O registro no diário também revela que as atividades realizadas em sala de aula são baseadas no método de gramática e tradução (LARSEN-FREEMAN, 2003). Isso reforça o fato de que o ensino de uma gramática prescritiva, não sendo possível notar o uso de nenhuma estratégia que nos remeta ao ensino contextualizado de conteúdos gramaticais.

Trecho 03: Aula do dia 21 de Novembro de 2016

Finalizando o 4º bimestre!!

Depois de concluído o período de estágio eu continuei indo para a escola para observar as aulas do professor nas turmas do 6º e 7º ano. Como sempre, os alunos do 6º estavam bem agitados. O professor iniciou a aula explicando o que irá ocorrer nas próximas aulas, pois já estamos no fim do bimestre e do ano letivo. Logo depois, ele escreveu no quadro o assunto "Family members" que já havia sido explicado pela estagiária que ficou na turma do 6º. O professor utilizou outro material (Idiomas Interativo) que não era o LD da escola para fazer a revisão do conteúdo. No momento em que o professor estava escrevendo no quadro, a maioria da turma estava copiando no caderno.

No momento da explicação, o professor foi ao quadro onde estavam as palavras e perguntou aos alunos a tradução. As que os alunos não sabiam, ele mesmo explicou e disse o significado. Finalizado isso, o professor explicou a atividade avaliativa do 4º bimestre que deveria ser copiada no caderno. Então ele escreveu no quadro para os alunos copiarem e como o tempo das aulas havia sido reduzido, não deu tempo os alunos responderem a atividade na aula. Na turma do 7º ano, acredito que seja bem mais fácil de gerenciar, pois os alunos são mais quietos. O professor iniciou a aula fazendo a chamada, logo depois, pediu eles alunos abrissem o livro para que ele revisasse o assunto de preposições. Para revisar ele escreve as preposições no quadro e para complementar a explicação ele utiliza o LD e também exemplos com os materiais presentes na sala de aula. Enquanto isso, a turma se mostrou bem participativa, respondendo as atividades e tirando dúvidas.

Logo depois, o professor concluiu a explicação de uma maneira muito interessante. Convidou alguns alunos a frente e fez uma simulação como se eles estivessem dentro de um ônibus. Em seguida, escreveu algumas perguntas no quadro para que os alunos respondessem de acordo com a posição que estavam os meninos a frente. No meio da aula foi entregue uma atividade avaliativa valendo a última nota do 4º bimestre e os alunos reclamaram muito porque a atividade não havia sido marcada pelo professor. E foi isso!

No trecho 03, percebemos que as aulas de gramática na turma do 6º ano continuam

semelhantes às anteriormente observadas. O professor copia o conteúdo no quadro e explica as frases soltas, utilizando de um manual de gramática que não é o livro adotado na escola. Vemos também que ele utiliza o método de gramática e tradução (OLIVEIRA, 2014), isto é, propõe atividades baseadas no reconhecimento de estruturas gramaticais e exercícios de tradução da língua estrangeira para a língua materna e/ou da língua materna para a língua estrangeira.

Já na turma do 7º ano, o professor utilizou uma forma mais significativa para os alunos de explicar o conteúdo gramatical, uma vez que fez uma demonstração de uma situação de uso real da língua. No momento em que explicou as preposições, utilizou objetos autênticos da sala de aula e fez a simulação do uso da estrutura linguística dentro de sala de aula como se estivessem dentro de um ônibus. Ao fazer isso, os alunos percebem como a língua realmente funciona no dia a dia, despertando o interesse deles em aprendê-la. Dessa forma, a gramática passa a ser vista de uma maneira contextualizada e torna-se um componente interessante e não um aglomerado de regras que definem como a língua deve ou não ser ensinada. No entanto, não se pode afirmar que o professor faz uso da gramática comunicativa, uma vez que esse foi apenas uma estratégia utilizada para repassar os conteúdos.

A partir da análise das duas turmas, notamos que a gramática é trabalhada em sua maioria através de aulas expositivas e de conteúdos propostos pelo livro didático, com foco no reconhecimento de estruturas gramaticais e formação de frases. Sendo assim, percebemos que a gramática é conduzida de uma forma que não desenvolve a competência comunicativa do aluno, articulando e integrando as quatro habilidades linguísticas, uma vez que o foco centra-se na leitura e escrita. Percebemos ainda que a formação de frases é uma estratégia bastante utilizada pelo professor para o ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais. Essa estratégia é, de acordo com Antunes (2015) vista como insuficiente no que se refere ao desenvolvimento da competência comunicativa, pois não se leva em consideração o contexto.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o ensino de gramática de aulas de língua inglesa do ensino fundamental, por meio de observações de aulas, de uma escola pública no interior do Rio Grande do Norte. Os resultados mostraram que a forma como os conteúdos gramaticais são trabalhados em sala de aula pelo professor ainda está pautada na noção de gramática normativa, ou seja, a gramática caracteriza-se apenas

como um conjunto de regras que são responsáveis de definir os conceitos de certo e errado em uma determinada língua.

Entendemos que há uma necessidade de implementar atividades e estratégias de ensino que envolvam o ensino comunicativo de gramática nas aulas de língua inglesa do ensino fundamental. É importante que professores de língua inglesa aprofundem seu conhecimento sobre o funcionamento da língua e, posteriormente, tentem sugerir e trabalhar em sala de aula atividades que vão além da análise de frase, despertando reflexões acerca do uso da língua em diversos contextos. Vale salientar, portanto, que o trabalho com a língua inglesa exige articulação entre os aprendizes e o contexto em que estão inseridos. Desse modo, a gramática constitui-se como um componente necessário, mas não exclusivo para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. *Gramática contextualizada: Limpando “o pó das ideias simples”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC, SEF, 1998.

BROWN, H. D. *Teaching by principle: An interactive approach to language pedagogy*. 1Ed. New York: Longman, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and Principles in Language Teaching*. Second Edition. Oxford; Oxford University Press, 2003.

MIOTO, C., SILVA, M.C.F., LOPES, R.E.V. *Novo manual de sintaxe*. 3ª ed. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

OLIVEIRA, L.A. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.